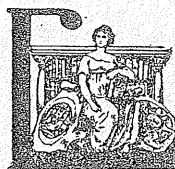
TRADUÇÃO LITERAL

DAS

FÁBULAS DE FEDRO

POR

NICOLAU FIRMINO

— 1941 —
LIVRARIA LUSITANA
96-RUA RIACHUELO-96
Tel. 3-6204 - S. PAULO

AO LEITOR

É êste o terceiro opúsculo da Colecção dos Clássicos Latinos *e para êle transcrevemos as razões que se encontram no início da* Tradução Literal da Eneida *e da* Tradução Literal dos Comentários da Guerra Gaulesa, *recentemente publicadas:*

"Não vão longe os tempos em que as traduções eram um assunto digno de registo nos Índices Expurgatórios, *para os professores que supunham que os alunos possuidores de tais livros não aprendiam nada com êles. Mas a experiência de longos anos de ensino tem-nos confirmado, inversamente, que o bom uso das traduções é um grande auxiliar para os iniciadores de línguas.*

As dificuldades que os estudantes encontram, ao traduzir qualquer lição, e o longo tempo perdido a manusear dicionários, sem acertar com o têrmo apropriado, tem levado aquêles, na sua maioria, ao desânimo e à detestação duma língua que constitue a base do nosso idioma. Ora isto não sucederia se possuíssem uma tradução literal, que lhes removesse as dúvidas e os ajudasse a avançar gradualmente, sem os dispensar, todavia, da consulta do dicionário.

Era assim que pensava também o emérito latinista Manuel Bernardes Branco, quando em 1889 publicou a tradução das Bucólicas.

Com o fim de obrigar os alunos a consultar os dicionários e a fixar a flexão dos vocábulos, e de favorecer o público a quem interessa a leitura duma obra que encerra preceitos morais, omitimos, de propósito, o texto latino.

O presente trabalho, que o tradutor, preocupado com a tradução literal de palavra por palavra — para não

trair o seu fim — apresenta sem ornatos de retórica, nem frases buriladas, deixará, talvez, aos exigentes a impressão de ter sido escrito em português menos correcto.

A preocupação do tradutor foi traduzir à letra os vocábulos nos casos, números e tempos em que se encontram, por forma que o interessado em cotejar o texto descubra as palavras e faça depois a tradução, segundo o seu estilo, sem andar à procura de vocábulos que não encontra no texto, sabendo-se, além disso, que há em latim verbos e outros vocábulos que regem construções diversas dos mesmos verbos e vocábulos portugueses.

Resta-nos ainda dizer que o facto de os alunos consultarem traduções não prejudica o ensino; o professor reconhece sempre se o aluno trabalhou ou não pela forma como êle der a razão da tradução que fêz, declinando, conjugando, analisando, e, cumprida a sua obrigação, pouco importará ao professor que outro colega, que um explicador, uma tradução ou uma cábula *o tivesse auxiliado. Isto são coisas secundárias, se não ínfimas".*

A presente tradução contém tôdas as fábulas dos compêndios dos professores Francisco Júlio Martins Sequeira, F. A. Xavier Rodrigues — Sousa Carrusca, José Pereira Tavares e Francisco L. Gonçalves Brandão, e leva um índice numérico das quatro edições, para mais facilmente serem encontradas e cotejadas.

Lisboa, Abril de 1938.

MARIA FERNANDA.

Fábulas Esópicas
DE
Fedro, escravo fôrro de Augusto

LIVRO PRIMEIRO

1 — Prólogo

Eu poli em versos senários (= de seis pés) esta matéria que o autor (= primeiro) Esopo inventou. A vantagem do livrinho é dupla, (por)que move o riso (= faz rir) e porque adverte (= dirige) a vida por um conselho prudente (= assisado). Se alguém, porém, quiser censurar (por)que falem (até) as árvores, (e) não sòmente os animais, lembre-se de que nós (nos) divertimos com narrativas fingidas (= apólogos).

2 — O lôbo e o cordeiro

Um lôbo e um cordeiro, impelidos pela sêde, tinham vindo ao mesmo regato; o lôbo estava mais acima e o cordeiro muito mais abaixo. Então o ladrão, incitado pela goela insaciável, trouxe (= levantou) a causa da contenda. Diz: "Porque fizeste turva a água a mim (que estou) bebendo?" O lanígero (cordeiro), receando, (diz) em resposta: "Peço (-te que me digas), como posso fazer (aquilo de) que te queixas, ó lôbo? A água decorre de ti para os meus sorvos." Aquêle, repelido pelas fôrças da verdade, diz: "Antes dêstes (= há) seis meses disseste mal de mim." O cordeiro respondeu:

"Na verdade eu não era nascido." Por Hércules (= palavra de honra), diz aquêle, o teu pai disse mal de mim," e assim dilacera por uma injusta morte o (cordeiro) arrebatado. Esta fábula foi escrita por causa daquêles homens que oprimem os inocentes com falsos pretextos.

3 — As rãs pediram um rei

Quando Atenas floresceia(m) sob justas leis, uma liberdade insolente agitou a cidade e a anarquia relaxou o antigo freio (= disciplina). Então (= Daí), conspirados uns contra os outros os componentes das facções, o tirano Pisístrato ocupa a cidadela. Como os Atenienses chorassem a (sua) triste escravidão, (não porque êle (fôsse) cruel, mas porque todo o fardo é pesado para os desacostumados), e tivessem começado a queixar-se, então Esopo referiu uma tal fàbulazinha: As rãs, divagando pelas (suas) livres lagoas, pediram a Júpiter um rei com grande gritaria, o qual (rei) reprimisse pela fôrça os costumes dissolutos. O pai dos deuses riu-se e deu-lhes um pequeno madeiro, que, atirado sùbitamente aos vaus (= às águas), aterrou a raça medrosa com o movimento e com o barulho. Como êste (madeiro) jazesse por muito tempo mergulhado no limo, uma (rã), por acaso, levanta tàcitamente a cabeça para fora da lagoa, e, examinado o rei, chama tôdas (as rãs). Aquelas, (de)posto o temor, aproximam-se nadando ao desafio, e a turba insolente salta para cima do madeiro. Como tivessem sujado (infamado) êste com tôda a espécie de insulto, enviaram a Júpiter (rãs) pedindo outro rei, porque era inútil o que tinha sido dado. Então enviou-lhes uma cobra da água, que começou a agarrá-las (comê-las) uma a uma com dente cruel. As (rãs) fracas (sem arte, impotentes), em vão fogem à morte, o mêdo fecha-lhes a voz. Por isso, secretamente dão recados a Mercúrio para Júpiter, a-fim-de que socorra as aflitas. Então o deus, em resposta, diz: "porque não quisestes suportar o vosso bom (rei), aguentai o mau." "Vós também, ó cidadãos, diz (Esopo), suportai êste mal, para que não venha um (mal) maior.

4 — O gralho orgulhoso e o pavão

Esopo deu-nos êste exemplo para que não (nos) agrade gloriar(-nos) com os bens alheios, e para (agrade) antes passar a vida no seu estado. Um gralho, inchado de vão orgulho, apanhou as penas que tinham caído a um pavão, e enfeitou-se. Depois, desprezando os seus, misturou-se ao formoso bando dos pavões. Aquêles arrancam as penas à ave insolente, e afugentam(-na) com os bicos. O gralho muito maltratado começou, entristecido, a voltar para a própria raça, repelido pela qual (raça), sofreu uma triste ignomínia. Então um certo dentre aquêles que primeiramente tinha desprezado (disse): "Se tivesses estado contente com as nossas moradas, e tivesses querido suportar o que a natureza (nos) dera, nem terias experimentado aquela afronta, nem a tua desventura sentiria esta repulsa."

5 — Um cão levando carne pelo rio

Perde com razão o (bem) próprio (aquêle) que cobiça o alheio. Enquanto um cão, nadando, levava (um pedaço de) carne por um rio, viu a sua imagem no espelho das águas, e, cuidando que outra presa era levada por outro (cão), quis tirar-lha; porém a avidez foi lograda e (não só) soltou a comida que tinha na bôca, nem ainda menos pôde alcançar o que desejava.

6 — A vaca, a cabra, a ovelha e o leão

A aliança com o poderoso nunca é fiel. Esta fabulazinha atesta a minha asserção. Uma vaca, uma cabrinha e uma ovelha sofredora de injúria, foram associadas com um leão nos bosques. Como estes tivessem apanhado um veado de vasta corpulência, feitos os quinhões, o leão falou assim: "Eu tomo a primeira (parte), porque sou chamado leão; dar-me-eis a segunda, porque sou corajoso; então a terceira

seguir-me-á, porque tenho mais fôrça; será maltratado, se alguém tocar na quarta (parte)". Assim, a deshonestidade sòzinha levou tôda a presa.

7 — As rãs para o sol

Esopo viu as bodas concorridas dum ladrão (seu) vizinho, e imediatamente começou a contar. Uma vez, como o sol quisesse casar, as rãs levantaram um clamor para os astros. Júpiter, muito impressionado com o barulho, procura a causa do queixume. Então uma certa habitante da lago diz: "Agora um só (sol) seca todos os lagos e obriga(-nos a nós), desgraçadas, a morrer numa habitação sêca. O que sucederá, se criar filhos?"

8 — A raposa para uma máscara de tragédia

Uma raposa vira por acaso uma máscara de tragédia (e) disse: "O quam grande beleza, (mas) não tem cérebro!" Isto foi dito para aquêles aos quais a fortuna concedeu honra e glória, (mas) tirou o senso comum.

9 — O lôbo e o grou

O que reclama dos maus o preço dum serviço, peca duas vezes: primeiramente, porque ajuda os indígnos; depois, porque já não pode retirar-se impunemente. Como um osso engolido estivesse atravessado na goela dum lôbo, (êste) vencido pela grande dor, começou a induzir com um prémio, um após outros, para que lhe extraíssem aquêle mal. Finalmente um grou (fêmea) foi persuadido pelo juramento e, confiando o comprimento do escoço à goela, fêz ao lôbo a perigosa operação. Como reclamasse daquêle o prémio combinado, (o lôbo) diz: "És ingrata (tu) que tiraste da nossa (minha) bôca a cabeça sã e salva, e pedes recompensa!"

10 — Um pardal dando conselhos a uma lebre

Mostremos em poucos versos ser tolo (loucura) não se acautelar a si e dar conselhos aos outros. Um pardal censurava uma lebre oprimida (apanhada) por uma águia, soltando (a lebre) graves gemidos. Diz: "Onde está aquela (tua) velocidade conhecida? Porque pararam assim os (teus) pés?" Enquanto fala, um gavião arrebata o próprio (pardal) desprevenido, e mata(-o) gritando num vão queixume. A lebre semimorta (diz): "Eis aqui a consolação da (minha) morte! (tu) que há pouco seguro zombavas dos nossos males, deploras os teus destinos com um queixume semelhante."

11 — O lôbo e a raposa, sendo juiz um macaco

Quem quer que se tornou conhecido uma vez por uma vergonhosa fraude, perde o crédito, ainda que diga o verdadeiro (a verdade). (Esta) abreviada fábula de Esopo atesta isto. Um lôbo acusava uma raposa pelo crime de furto; aquela negava que (ela) estivesse próxima da culpa (= ser a culpada). Então o macaco sentou-se (como) juiz entre êles. Como um e outro tivesse(m) defendido a sua causa, diz-se que o macaco proferira a sentença: "Tu, (lôbo), não pareces ter perdido o que reclamas; creio, (ó raposa), teres tu furtado o que negas lindamente."

12 — O burro e o leão à caça

O destituído de valor, ostentando a sua glória com palavras, engana os desconhecedores, (mas) serve de troça aos conhecidos. Como um leão quisesse caçar com o burro por companheiro, cobriu-o com ramos e ao mesmo tempo aconselhou-(lhe) que assustasse os animais com uma voz desacostumada, (para que) êle próprio (leão) (os) apanhasse, fugindo. Aqui (então) o orelhudo levanta (solta) sù-

bitamente um zurro com tôdas as fôrças e aterra os animais com o novo prodígio. Enquanto estes assustados procuram as saídas conhecidas, são derrubados pelo ataque horrendo do leão. Depois que êste se cansou da carnificina, chama o asno e manda(-o) conter a voz. Então aquêle, insolente, (diz): "Que tal te parece o efeito da minha voz?" Notável, diz (o leão), de tal modo que, se eu não conhecesse o teu valor e a (tua) raça, teria fugido com semelhante mêdo.

13 — O veado junto da fonte

Esta narração faz ver que muitas vêzes se acham as coisas, que tiveres desprezado, mais úteis do que as louvadas. Como um veado tivesse bebido numa fonte, parou e viu a sua imagem na água. Ali, enquanto, maravilhado, louva os chifres ramalhudos e censura a demasiada delgadeza das pernas, assustado de repente pelas vozes dos caçadores, começou a fugir pelo campo e enganou os cães com a corrida ligeira. Então um bosque recebeu o animal, no qual (bosque) embaraçado pelos chifres retidos, começou a ser dilacerado pelas mordeduras cruéis dos cães. Diz-se que êle então, moribundo, soltara esta voz: "Ó infeliz de mim! que agora finalmente compreendo como me foram úteis as (coisas) que eu tinha desprezado e quanto de luto (desgraça) tiveram as que eu tinha louvado.

14 — A raposa e o corvo

Aquêle que gosta de ser louvado com palavras astuciosas, dá (= sofre) castigos vergonhosos com tardio arrependimento. Como um corvo, pousado numa alta árvore, quisesse comer um queijo roubado duma janela, a raposa viu êste, depois começou a falar assim: "O corvo, que esplendor é o das tuas penas! Quanta graça ostentas no corpo e no rosto Se tivesses voz, nenhuma ave seria superior". Mas, enquanto aquêle néscio quer mostrar a voz, soltou da bôca o queijo que a raposa astuta ràpidamente

agarrou com os dentes ávidos. Sòmente então (é que) a estupidez do corvo enganado gemeu. [Com esta coisa se prova quanto pode o engenho; o saber vence sempre a fôrça].

15 — De sapateiro (a) médico

Como um mau sapateiro, perdido pela pobreza, tivesse começado a exercer clínica num lugar desconhecido, e vendesse um contra-veneno com um falso nome, adquiriu para si fama como os seus rodeios palavrosos. Como êste jazesse abatido por uma grave doença, o rei da cidade, por causa de o experimentar, pediu uma taça; depois, fingindo que (êle) misturava um veneno ao antídoto daquêle, tendo deitado só água, mandou beber àquêle mesmo, tendo-lhe prometido uma recompensa. Então aquêle, com o mêdo da morte, confessou que (êle) se tinha feito célebre, não por algum conhecimento da arte médica, mas pela estupidez do vulgo. Convocada uma reunião, o rei pronunciou estas (palavras): "De quam grande loucura julgais vós ser, os quais não duvidais confiar as vossas cabeças a quem ninguém entregou os pés para serem calçados?" Diria eu com razão que isto pertencia àquêles cuja loucura é o lucro (fonte) da desvergonha.

16 — O burro a um velho pastor

Na mudança de govêrno muitas vêzes os pobres nada mudam além do nome do (seu) senhor. Esta pequena fabulazinha indica ser isto verdadeiro. Um velho tímido apascentava um burrinho num prado. Êste, assustado com o clamor inesperado dos inimigos, aconselhava ao burro fugir, para que não pudessem ser apanhados. Mas aquêle tranquilo (tranquilamente) (responde): "Pergunto, ?porventura julgas que o vencedor me há-de pôr duas albardas?" O velho disse que não: "Portanto, que me importa a mim a quem sirva, contanto que leve a minha albarda?"

17 — A ovelha, o veado e o lôbo

Quando um tratante chama homens maus para serem fiadores, não deseja regular o assunto, mas aumentar o mal. Um veado pedia a uma ovelha um moio (ou alqueire) de trigo, sendo o lôbo fiador. Mas aquela, temendo prèviamente o engano, (disse): "O lôbo costumou sempre roubar e ir-se embora, (e) tu fugir da vista com ímpeto veloz; onde vos procurarei, quando chegar o dia (do vencimento)?".

18 — A ovelha, o cão e o lôbo

Os mentirosos costumam pagar as penas do malefício. Como um cão caluniador reclamasse de uma ovelha um pão que êle pretendia que lhe tinha emprestado, o lôbo, citado (como) testemunha, disse que era devido não sòmente um, mas afirmou (que eram) dez. A ovelha, condenada pelo falso testemunho, pagou aquilo que não devia. Depois de poucos dias a ovelha viu o lôbo jazendo num fojo: "Esta recompensa da fraude, diz ela, é dada pelos deuses (de cima)."

19 — A cadela de parto

As carícias do homem perverso têm consigo ciladas que os versos, aqui postos (seguintes), aconselham que evitemos. Como uma cadela de parto tivesse pedido a outra, para que depusesse a cria na sua casota, obteve (isto) fàcilmente; depois dirigiu novas preces àquela que exigia o seu lugar, pedindo um breve tempo, até que pudesse retirar os cachorros mais fortes. Consumido também êste (tempo), começou a pedir com mais instância o covil. Disse: "Se puderes ser igual a mim e à minha gente (multidão), sairei do lugar.

20 — Os cães famintos

Um plano estúpido não só carece de realização, mas também chama (arrasta) os mortais para a desgraça. Uns cães viram uma pele (um coiro) mergulhada num rio. Para que pudessem comê-la, tirada mais fàcilmente, começaram a beber a água; mas pereceram rebentados, antes que atingissem o que tinham desejado.

21 — O leão velho, o javali, o touro e o burro

Todo aquêle que perdeu a antiga dignidade, é objecto de zombaria, até para os cobardes, na sua grave queda. Como um leão, abatido pelos anos e abandonado das suas fôrças jazesse, exalando o último alento, um javali veio para êle com os dentes fulminantes e vingou com uma dentada uma antiga ofensa. Em seguida o touro vara o corpo inimigo com os chifres infestos. O burro, quando viu que o animal (feroz) sofria impunemente, quebrou-(-lhe) a cabeça aos coices. Mas aquêle, expirando, (disse): "Sofri indignamente que os (animais) fortes me insultassem; (mas) porque sou forçado a suportar-te, ó deshonra da natureza, certamente me parece morrer duas vêzes".

22 — A dòninha e o homem

Como uma dòninha, apanhada por um homem, quisesse evitar a morte iminente, disse: "Perdoa-me, peço, (a mim) que te limpo a casa dos ratos daninhos." Êle respondeu: "Se (o) fizesses por minha causa, ser-(me-)ia grato, e teria dado (agora) o perdão a (ti) suplicante. Mas porque trabalhas para que gozes dos restos que êles estão para roer e ao mesmo tempo comas os mesmos (ratos), não queiras atribuir-me um vão benefício". E, falando assim, entregou a malvada à morte. Devem reconhecer que isto foi dito para si,

aquêles cujo interêsse particular serve a êles próprios e ostentam com demasiado impudor um vão merecimento.

23 — O cão fiel

O (homem) repentinamente liberal é agradável aos néscios, porém arma laços vãos aos experimentados. Como um ladrão nocturno tivesse atirado um (pedaço de) pão a um cão, tentando se (aquêle) podia ser subornado pela comida atirada, disse (o cão): "Olá! queres fechar a minha língua (bôca), para que eu não ladre em defesa da propriedade do meu dono? Enganas-te muito, porque esta súbita bondade manda-me vigiar para que não alcances lucro por minha culpa."

24 — A rã rebentada e o boi

O fraco sucumbe, quando quer imitar o poderoso. Uma rã viu uma vez um boi num prado e, tocada pela inveja de tamanha corpulência, inchou a pele rugosa; então perguntou aos seus filhos, se era mais larga do que o boi. Aquêles negaram. De novo esticou a pele com maior esfôrço e perguntou de semelhante modo, quem era maior. Êles disseram (que era) o boi. Quando, indignada por fim, quer inchar-se mais fortemente, jazeu com o corpo rebentado.

25 — Os cães e os crocodilos

Os que dão maus conselhos aos homens cautelosos, não só perdem o trabalho, mas também são escarnecidos vergonhosamente. Contou-se (= conta-se) que os cães bebem a correr no rio Nilo, para que não sejam apanhados pelos crocodilos. Como, pois, um cão tivesse começado a beber, correndo, um crocodilo assim (falou): "Lambe com vagar quanto (te) agrade; não queiras temer". Mas aquêle (respondeu): "Fá-lo-ia, por Hércules (palavra de honra), se eu não soubesse que tu eras desejoso da minha carne.

26 — A raposa e a cegonha

A ninguém se deve fazer mal; se alguém, porém, (nos) tiver lesado, a fábula aconselha que deve ser castigado com igual direito. Diz-se que uma raposa convidara primeiro uma cegonha para uma ceia, e lhe pusera um caldo líquido num prato chato, o qual (caldo) a cegonha, faminta, de nenhum modo pôde saborear. Como esta tivesse convidado a raposa, colocou-lhe (diante) uma garrafa cheia de comida migada; ela própria satisfaz-se, metendo o bico nesta (garrafa), e atormenta com a fome a convidada. Como esta (raposa) lambesse em vão o gargalo da garrafa, soubemos que a ave de arribação falou assim: "Cada um deve sofrer com igual ânimo os seus exemplos".

27 — O cão e o tesouro e o abutre

Esta coisa (narrativa) pode ser conveniente (= aplicar-se) aos avarentos e àqueles que, tendo nascido humildes, procuram ser chamados ricos. Um cão, desenterrando uma ossada humana, encontrou um tesouro, e, porque violara os deuses Manes (as almas dos finados), foi-lhe inspirada a cobiça das riquezas, para que pagasse o castigo à santa religião. Por isso, enquanto guarda o ouro, esquecido da comida, foi dizimado pela (morreu à) fome; conta-se que um abutre, poisando sôbre aquêle, dissera: "Ó cão, com razão jazes (aqui), tu que que ambicionaste sùbitamente as riquezas reais; tu nascido num canto, educado (criado) no estêrco."

28 — A raposa e a águia

(Os homens), embora elevados, devem temer os humildes, porque a vingança está patente para a habilidade dócil. Uma águia roubou uma vez os cachorros duma raposa e pô-los no ninho aos (seus) filhos, para que (os) tomassem como comida. A mãe, tendo seguido esta, começa a pedir(-lhe) que não trouxesse, a si, infeliz, tamanho luto.

Aquela desprezou, como que segura no próprio lugar. A raposa tirou dum altar uma tocha acesa e envolveu tôda a árvore, de chamas, misturando a dor da inimiga à perda do sangue. A águia, para que arrancasse os seus ao perigo da morte, restituiu, suplicante, os filhos incólumes, à raposa.

29 — As rãs temendo os combates dos touros

Os humildes sofrem, quando os poderosos estão em discórdia. Uma rã, vendo duma lagoa um combate de touros, diz: "Ai! que grande calamidade nos está iminente! Perguntada por outra, porque dizia isto, visto que aquêles bois combatiam àcêrca da primazia da manada e passavam a vida longe delas, disse: "A (nossa) morada está separada e a (nossa) raça é diferente; mas, aquêle que fugir expulso do reino do bosque, virá para os esconderijos secretos da lagoa e esmagará com o (seu) duro pé (a nós) as calcadas. Assim, o furor daquêles chega até a nossa cabeça."

30 — O milhafre e os pombas

Aquêle que se entrega a um homem mau para ser defendido, enquanto procura auxílio, encontra a (sua) ruína. Como as pombas tivessem fugido muitas vêzes do milhafre, e tivessem evitado a morte pela rapidez da pena (= com o vôo), o ladrão volveu o seu plano para a astúcia, e enganou com uma tal fraude a raça inerme: "Porque levais um tempo (uma vida) inquieto, antes que (= em vez de) me criais (elegeis = eleger) rei, com uma aliança estabelecida, (a mim) qu vos torne seguras (= proteja) de tôda a injúria? Aquelas, confiadas, entregam-se ao milhafre; o qual, tendo tomado o reino, começou a comê-las uma a uma e a exercer o poder com as unhas cruéis. Então uma das que restavam (diz): "Com razão somos castigadas, (nós) que confiámos a vida a êste (= tal) ladrão.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO

LIVRO SEGUNDO

---

31 — O autor

O género (literário) de Esopo está encerrado em exemplos, nem outra coisa qualquer se procura por meio das fábulas, senão que se corrija o êrro dos mortais e (que) a actividade cuidadosa se aperfeiçoe. Qualquer, pois, que tenha sido o lugar (a matéria) de narrar, contanto que captive os ouvidos e conserve o seu propósito, recomenda-se pelo assunto, não pelo nome do autor. Na verdade, com todo o cuidado guardarei o costume do velho; mas, se me agradar intercalar alguma coisa, para que a variedade destas palavras deleite os sentidos (os ouvidos), desejaria que tu, leitor, recebas à boa parte (a bem), assim, contanto que a brevidade (a concisão) recompense aquela benevolência. Para que o elogio desta não seja verboso, atende, por que deves negar aos cobiçosos, (o que pedem) (e) também oferecer aos moderados, o que não houverem pedido.

32 — O bezerro, o leão e o ladrão

Um leão estava sôbre um bezerro prostrado. Interveio um ladrão de estrada, pedindo uma parte. "Dar-ta-ia, disse (o leão), se não costumasses tomá(-la) por ti"; e repeliu o malvado. Um viandante inofensivo foi levado fortuitamente ao mesmo (lugar), e, vista a fera, chegou atrás (= recuou) o

pé. Ao qual aquêle (leão) sossegado, diz: "Não há por que temas, e tira afoitamente a parte que é devida à tua moderação". Então, dividido o dorso, demandou as selvas para que desse aproximação ao homem. Exemplo sem dúvida notável e louvável; porém, a cobiça é rica e o acanhamento é pobre.

33 — Esopo para um certo (homem àcêrca do êxito dos maus

Um certo (homem) ferido pela mordedura de um cão furioso, lançou ao malfazejo um (pedaço de) pão tinto de sangue, coisa (= o) que ouvira dizer ser o remédio da ferida. Então Esopo assim (falou): "Não queiras fazer isto na presença de muitos cães, para que não nos devorem vivos, quando souberem ser tal o prémio da culpa." O bom êxito dos malvados atrai muitos.

34 — A águia, a gata e o javali

Uma águia fizera o ninho no alto de um carvalho; uma gata dera à luz no meio (do carvalho), tendo encontrado uma cavidade; uma fêmea de javali, habitante dos bosques, tinha posto a cria junto do tronco. Então a gata destruiu assim pela fraude e pela sua malícia celerada êste convívio casual. Trepa ao ninho da águia e diz: "Uma desgraça está preparada para ti e talvez também para mim, infeliz. Porquanto, porque vês (= o veres) o javali cavar a terra todos os dias, o insidioso quer deitar a terra o carvalho para que fàcilmente oprima no chão a nossa prole." Espalhado o terror e desvairados os sentidos, a gata desceu ao covil do javali cerdoso, (e) diz: "Os teus filhos estão em grande perigo; porquanto, logo que tiveres saído a pastar, com o tenro rebanho, a águia está preparada para te roubar os porquinhos." Depois que encheu de temor êste lugar, também a astuta se escondeu na sua cavidade segura. Em seguida, va-

gueando de noite com o pé suspenso, quando se encheu de alimento e à sua prole, simulando pavor, espreita todo o dia. A águia, temendo a queda, está pousada nos ramos; o javali, evitando a rapina (dos filhos), não sai fora. Para que (dizer) muitas (coisas)? finaram-se de inanição com as suas (crias) e forneceram largo pasto à gata e aos seus gatinhos. Quanto de mal prepara muitas vêzes um homem bilingue (com doblez de carácter) a credulidade néscia pode ter como prova.

35 — César para um atriário

Há em Roma uma certa raça de buliçosos, correndo apressadamente, ocupada na ociosidade, cansando-se gratuitamente, nada fazendo, mexendo-se muito, molesta a si mesma e odiosíssima aos outros. Quero corrigir esta (raça), se, todavia, eu (puder) posso, com uma narração verdadeira; o custo do trabalho é prestar atenção. Como Tibério César, dirigindo-se a Nápoles, tivesse vindo para a sua casa de campo de Misena, a qual, construída pela mão de Lúculo no alto monte, olha para o mar da Sicília e vê a seus pés o mar da Toscana, um dos escravos do átrio, de cinto levantado, o qual tinha a túnica solta desde os ombros com uma banda de linho de Pelúsio, com franjas pendentes, andando o seu senhor a passear pelos jardins verdejantes, começou a borrifar, com um balde de madeira, a terra escaldada, ostentando um obséquio cortês, mas é mofado. Depois, por caminhos curvos conhecidos, corre para outra vereda, fazendo cair a poeira. César conhece o homem e percebe a acção. Como julgou aquilo ser não sei o quê de bom, o senhor diz: "Olá!" Aquêle, na verdade, acode de um salto, alegre com o desejo duma gratificação certa. Então a majestade de tão grande príncipe divertiu-se assim: "Não fizeste muito e o teu trabalho pereceu em vão; as bofetadas vendem-se comigo por muito mais caro".

36 — A águia e a gralha

Ninguém está suficientemente defendido contra os poderosos; se, porém, um conselheiro maléfico se veio juntar, ruiu tudo aquilo que a fôrça e a maldade atacam. Uma águia levantou uma tartaruga para o alto. Como esta tivesse escondido o corpo na casa córnea, nem, escondida, pudesse ser ferida de modo nenhum, uma gralha veio pelo ar e, voando perto, (diz): "Arrebataste com as guarras uma presa sem dúvida excelente; mas se eu não te tiver mostrado o que deve ser feito por ti, em vão te fatigará com o seu grave pêso." Prometida uma parte, aconselha-a a que quebre dos altos astros sôbre um rochedo a concha dura, despedaçada a qual, se alimente fàcilmente com a comida. A águia, induzida por estas palavras, obedeceu aos conselhos e logo dividiu liberalmente a iguaria com a mestra. Assim, aquela que fôra protegida por um dom da natureza, desigual (= inferior) às duas, morreu de morte desgraçada.

37 — Os dois machos e os ladrões

Dois machos iam carregados com bagagens; um levava cestos com dinheiro, o outro sacos abarrotados de muita cevada. Aquêle, rico com a carga, está sobranceiro com a cabeça levantada, e sacode com o pescoço um guiso sonoro. O companheiro segue-o com passo tranquilo e sossegado. De súbito uns ladrões vêm duma emboscada e, no meio da carnificina, ferem com um ferro o macho, roubam as moedas, (e) desprezam a vil cevada. Como, pois, o macho, despojado, chorasse as suas desgraças, o outro diz: "Na verdade folgo que eu tenha sido desprazado, porque nada perdi e não fui maltratado com ferida." Com êste argumento está segura a pobreza dos homens; as grandes riquezas estão expostas ao perigo.

38 — O veado junto dos bois

Um veado, enxotado dos esconderijos dos bosques, para que evitasse a morte iminente dos caçadores, dirigiu-se com o seu pavor cego (= cego de pavor) para uma quinta próxima e escondeu-se num estábulo oportuno. Aqui um boi (disse) ao escondido: "Que quiseste para ti, ó desgraçado, que espontâneamente correste para a morte, e confiaste a vida ao tecto dos homens?" Mas êle, suplicante, disse: "Poupai-me vós, sòmente; as alternativas da noite sucedem ao espaço do dia, sairei novamente, oferecida a ocasião. O boieiro traz a folhagem, por isso nada vê. Depois todos os campinos vão e vêm, ninguém repara: o caseiro passa também, nem êle descobre algum coisa. Então o animal satisfeito começou a agradecer aos bois pacatos por lhe terem dado hospitalidade num tempo adverso. Um (boi) respondeu: "Desejamos, na verdade, que tu estejas salvo, mas se vier àquêle que tem cem olhos, a tua vida volver-se-á em grande perigo. Entre estas coisas, o próprio dono voltou da ceia e, porque tinha visto há pouco os bois delgados, aproximou-se do estábulo: "Porque há pouca folhagem? Faltam (palhas para as) camas? Que trabalho é tirar estas teias de aranha?" Enquanto examina as coisas uma por uma, vê também os elevados chifres do veado; convocada a criadagem, ordena que êste seja morto e leva a presa. Esta fábula mostra que o dono vê muito (mais) nas suas coisas.

39 — A estátua de Esopo

Os atenienses erigiram uma estátua ao génio de Esopo e colocaram o (= êste) escravo sôbre um pedestal para que (os homens) soubessem que o caminho da honra está aberto para todos, e a glória não é dada ao nascimento, mas sim à virtude. Porque outro (anterior) tinha impedido que eu fôsse o primeiro (homenageado), procurei, o que me restou, que êle não estivesse só: nem esta é (foi)

inveja, mas emulação. Porém, se o Lácio for favorável ao meu trabalho, terá mais (autores) que oponha à Grécia. Mas, se a inveja quiser criticar o trabalho, não roubará, todavia, a consciência do louvor (merecido).

40 — O autor

Se o nosso zêlo chega aos teus ouvidos e o teu espírito saboreia fábulas fictícias com arte, a (minha) felicidade remove (afasta) todo o queixume. Porém, se o meu douto trabalho vai ter com aquêles que a natureza esquerda (infansta) trouxe à luz, nem podem qualquer coisa, senão censurar os melhores, suportarei com o coração endurecido a desgraça fatal, até que a Fortuna tenha vergonha do seu crime.

FIM DO SEGUNDO LIVRO

LIVRO TERCEIRO

41 — Fedro a Eutico

Se desejas ler os livrinhos de Fedro, é necessário, Eutico, que estejas livre de negócios, para que o teu espírito livre sinta o vigor da (minha) poesia. "Porém, dizes, o teu talento não (é) de tanto (valor) para que um momento de uma hora pereça para os teus deveres". Não é, pois, motivo para isto, que não convém a ouvidos ocupados ser tocado pelas tuas mãos. Dirás talvez: "Virão algumas férias que me chamarão ao estudo com o espírito livre". ?Porventura terás tu, pergunto eu, umas bagatelas insignificantes, antes que empregues cuidados no govêrno da (tua) casa, restitues aos amigos os tempos (perdidos), dês atenção a tua mulher, repoises o espírito, dês descanso ao corpo, para que cumpras com mais vigor a vez (a tarefa) costumada? O fim e o género de vida deve ser mudado por ti, se pensas transpôr o limiar das musas. Eu, a quem (minha) mãe deu à luz no cimo do monte Piério, no qual a divina Mnemósine, nove vêzes fecunda, deu à luz, para Júpiter tonante, o côro das Artes, embora eu tenha nascido na própria escola de Febo, e tenha arrancado do coração inteiramente o cuidado de possuir, e me tenha dedicado a esta vida, convidado pela glória não forçada, todavia, sou recebido desdenhosamente na companhia (dos poetas). Que crês tu acontecer àquêle que procura com tôda a vigília

acumular grandes riquezas, preferindo um lucro agradável a um trabalho douto? Mas já (= enfim) seja o que fôr, como disse Sinão, quando foi levado ao rei da Dardnia, traçarei o terceiro livro no estilo de Esopo, dedicando-o à tua honra e aos teus serviços. Se leres êste, folgarei; porém, se menos (= o não leres), os vindouros certamente terão com que se deleitem.

Agora ensinarei abreviadamente por que foi inventado o género das fábulas. A escravidão exposta, porque não ousava dizer o que queria, levou os seus sentimentos próprios para as fábulas e iludiu a denúncia com gracejos fingidos. Ora pelo caminho daquêle (Esopo) eu fiz o caminho e pensei mais coisas do que êle deixara, escolhendo algumas para (as aplicar) à minha desgraça. Porém se outro acusador, se outra testemunha, enfim outro juiz, além de (= exceptuado) Sejano, existisse, confessaria que eu era digno de tamanhos males, nem aliviaria a (minha) dor com estes remédios. Se alguém errar na sua suspeição, e levar para si o que será comum de todos, loucamente revelará a consciência da sua alma. Quereria, todavia, ser desculpado para com êste, pois nem eu tenho intenção de apontar indivíduos, mas sim mostrar a própria vida e costumes dos homens. Dirá, talvez, alguém que eu empreendi um trabalho pesado. Se o Frígio Esopo, se Anacársis da Cítia pôde (puderam) criar com o(s) seu(s) génio(s) fama imortal, eu que estou mais perto da Grécia letrada, porque abandonarei num sono inerte a hora da pátria? quando a nação da Trácia conta os seus escritores e Apolo é o pai de Lino e Musa (é a mãe) de Orfeu, que moveu as pedras com o seu canto e domou os animais ferozes e deteve com uma suave demora os ímpetos do Habro? Por isso, Inveja, afasta-te daqui, para que não gemas em vão, porque me é devida uma glória solene (costumada). Induzi-te a ler; peço-te que me dês uma opinião sincera com a conhecida franqueza.

42 — A velha para a ânfora

Uma velha viu estar no chão uma ânfora esvaziada, que espalhava ainda ao longe um suave aroma de bôrra (vinho) de Falerno e do nobre (excelente) barro. Depois que a sôfrega aspirou, com tôdas as (a plenas) narinas, (disse): "Ó suave aroma! que bem direi ter estado antes de ti, visto que os restos são tais (= assim)!" Quem me conhecer, dirá a que alude isto.

43 — A pantera e os pastores

Igual reconhecimento costuma ser dado pelos desprezados. Uma pantera caiu uma vez imprudentemente numa cova. Uns camponeses viram(-na); uns amontoam paus outros carregam(-na) de pedras; alguns, pelo contrário, compadecidos da que ia morrer certamente, ainda que ninguém a ferisse, atiraram-lhe (um pedaço de) pão para que sustentasse o alento. Sobreveio a noite; vão-se embora seguros para casa, como havendo de encontrá-la morta no dia seguinte. Porém ela, logo que refêz as fôrças enfraquecidas, libertou-se da cova com um salto veloz e apressa-se com o passo acelerado para o seu covil. Decorridos poucos dias, atira-se pela frente, trucida o gado, mata os próprios pastores e, devastando tôdas as coisas, enfurece-se com irada impetuosidade. Então os que tinha poupado a fera, temendo por si, não recusam o dano (do gado), pedem sòmente pela vida. Mas ela (diz): "Eu lembro-me de quem me atacou com pedras(s), (e) de quem me deu pão; vós deixai de temer, volto como inimiga para aquêles que me feriram.

44 — O cortador e o macaco

Um certo (homem) viu que um macaco estava dependurado à porta dum carniceiro (num açougue), entre outras mercadorias e comestíveis; perguntou a que saberia. Então o cortador, gracejando, disse: "Garante-se que o sabor é tal

qual a cabeça". Julgo que isto foi dito mais por gracejo do que por verdade; visto que por um lado tenho encontados muitas vêzes (homens) formosos (que são) péssimos, e por outro lado tenho conhecido muitos de semblante feio (que são) óptimos.

45 — Esopo e o petulante

O bom êxito arrasta muitos à desgraça. Um certo petulante atirara uma pedra a Esopo. Disse: "Tanto melhor!". Em seguida deu-lhe um asse, (e) prosseguiu assim: "Não tenho mais, palavra de honra, mas mostrar-te-ei onde possas receber (mais); eis aí vem um rico e poderoso; atira igualmente uma pedra a êste e receberás um prémio digno." Aquêle, persuadido, fêz o que foi aconselhado; mas a esperança enganou a impudente audácia; porquanto, sendo preso, pagou a(s) culpa(s) na cruz.

46 — A môsca e a mula

Uma môsca poisou no temão e, censurando a mula, diz: "Quam vagarosa és! não queres andar mais depressa? Tem cautela que não te pique eu o pescoço com o ferrão". Aquela respondeu: "Não me movo com as tuas palavras; mas temo aquêle que, sentado no assento da frente, governa o meu jugo com flexível chicote e me refreia a(s) bôca(s) com espumantes freios. Por isso, deixa a tua frívola insolência; eu sei onde se deve parar e onde (quando) se deve correr." Por esta fábula pode certamente ser escarnecido aquêle que sem valor faz vãs ameaças.

47 — O lôbo para o cão

Direi brevemente, quam doce é a liberdade. Um lobo, abatido pela magreza, encontrou-se casualmente com um cão bem alimentado. Depois, logo que pararam, saudando-se um ao outro: "Pergunto-te, (disse o lôbo), donde

(provém) (que) assim estejas nédio? ou com que comida fizeste tão grande corpulência? Eu que sou muito mais forte, morro à fome". O cão com singeleza: "O mesmo pacto te é facultado, se és capaz de prestar igual serviço a um dono". "?O quê, diz êle, que sejas o guarda da porta e defendas a casa dos ladrões, durante a noite?". Eu, na verdade, estou preparado; agora suporto as neves e as chuvas nos bosques, arrastando uma vida áspera; quanto mais fácil é para mim viver debaixo de telha e saciar-me, (a mim) ocioso, de abundante comida!" "Portanto, vem comigo". Enquanto caminham, o lôbo vê o pescoço do cão limado pela cadeia. "Donde (provém) isto, amigo?" "Não é nada". "Dize, peço-te, todavia". "Porque pareço fogoso, prendem-me durante o dia, para que eu descanse com a luz, e vigie quando vier a noite; solto ao crepúsculo, vagueio por onde me pareceu. O pão é-me lançado espontâneamente; o dono dá--me os ossos da sua mesa; a criadagem lança(-me) pedaços, e cada um a iguaria que enfastia. Assim o meu estômago se enche sem fadiga". "Olha lá, se te apetece ausentar-te, há licença." Diz: "Não, completamente". "Goza tu, ó cão, as coisas que louvas; não quero reinar, desde que não seja livre para mim".

48 — A irmã e o irmão

Aconselhado por êste preceito, examina-te muitas vêzes. Um certo (homem) tinha uma filha muito feia e o mesmo (tinha) um filho notável pelo belo rosto. Estes, brincando puerilmente, viram por acaso um espelho, como foi posto na cadeira da mãe. Êste gaba-se (de ser) formoso; aquela zanga-se, nem suporta os gracejos do irmão, gloriando-se, como quem tomava tudo como injúria. Corre, portanto, para o pai a-fim-de ferir por sua vez (o irmão), e com grande rancor acusa o filho, porque, tendo nascido homem, tocou num objecto das mulheres. Aquêle (pai), abraçando um e outro, e colhendo beijos, e repartindo por ambos o doce amor, disse: "Quero que vós useis do espelho todos

os dias; tu, para que não corrompas a beleza com os vícios da maldade; tu, para que venças esta(s) face(s) com os bons costumes.

49 — Sócrates para os amigos

O nome de amigo é vulgar, mas a lealdade é rara. Como tivesse construído para si uma pequena casa, Sócrates, (cuja morte eu não evito, se alcançar a fama dêle e resigno-me à emulação, contanto que seja absolvido em cinzas (= depois de morto), não sei quem do povo, como costuma suceder (disse a Sócrates): "Pergunto-te, (tu) um homem tal, constróis uma casa tão pequena?" Diz: "Oxalá eu encha esta (casa) de verdadeiros amigos."

50 — O frango para uma pérola

Enquanto o filho de uma galinha (= o frango) procura comida numa estrumeira, encontrou uma pérola. Diz: "Jazes num lugar indigno, tu, uma coisa de tanto valor!" Se alguém, desejoso do teu valor, tivesse visto isto, há muito terias voltado para o antigo brilho. Porque te encontrei eu, a quem a comida é muito mais preferivel, nem a ti pode ser útil, nem a mim qualquer coisa. Conto isto àquêles que me não entendem. (= Deitar pérolas a porcos).

51 — As abelhas e os zângãos, sendo juiz a vespa

Umas abelhas fizeram os favos no alto de um carvalho; os zângãos inertes diziam que estes (favos) eram seus. A pendência foi levada para o tribunal, sendo juiz uma vespa. Como esta conhecesse lindamente uma e outra família, propôs às duas partes esta decisão: "O corpo não é dissemelhante e a côr é igual, de tal modo que o assunto com razão cai inteiramente em dúvida. Mas, para que a minha consciência não peque irreflectida(mente), tomai os cortiços e

colocai mel nos alvéolos, para que pelo sabor do mel e pela forma do favo, apareça o autor dêstes, dos quais agora se trata." Os zângãos rejeitam; a condição agrada às abelhas. Então aquela (vespa) dirimiu a questão com esta sentença: "Está manifesto quem o não pode (fazer) e quem o fêz. Portanto, restituo às abelhas o seu fruto (trabalho)." Eu teria omitido em silêncio esta fábula, se os zângãos não tivessem recusado o contrato pactuado.

52 — Acêrca do jôgo e da severidade

Como um certo ateniense tivesse visto Esopo jogando às nozes, em um grupo de rapazes, parou e riu-se como de um louco. Logo que o velho (Esopo), antes escarnecedor do que digno de ser escarnecido, viu isto, pôs um arco afrouxado no meio do caminho, (e) disse; "Olá, sábio, explica o que fiz." Aquêle inquieta-se por muito tempo, nem compreendeu a causa da pergunta feita. Finalmente dá-se por vencido. Então o sábio, vencedor (disse): "Depressa partirás o arco, se o tiveres sempre retesado; mas, se o afrouxares, será útil, quando quiseres". Assim, deve dar-se algumas vêzes recreio ao espírito, para pensar melhor, logo que volte a ti (para pensar).

53 — A cigarra e a coruja

Aquêle que não se presta à complacência de outrem, sofre muitas vêzes o castigo do seu orgulho. Uma cigarra fazia um insuportável barulho a uma coruja, acostumada a procurar nas trevas a sua alimentação e a tomar o sono durante o dia num escavado tronco. Foi rogada, (para) que se calasse. Começou a grita muito mais fortemente. Novamente feita uma prece, estimulou-se mais. A coruja logo que viu que nenhum auxílio havia para si, e que as palavras inúteis eram desprezadas, interpelou a faladora com êste ardil: "Visto que as tuas melodias, que tu julgas soarem como a cítara de Apolo, não me deixam dormir, te-

nho tenção de beber o néctar que Palas há pouco me deu; se não tens fastio, vem; bebamos juntamente." Aquela, que ardia em sêde, logo que conheceu que a sua voz era louvada, voou àvidamente. A coruja, saindo da cavidade, perseguiu-a (àquela) assustada e entregou-a à morte. Assim, sendo morta, concedeu aquilo que negara viva.

54 — As árvores na protecção dos deuses

Os deuses escolheram um dia as árvores que queriam que estivessem sob a sua protecção. O carvalho agradou a Júpiter, mas a murta a Vénus; o loureiro a Febo, o pinheiro a Cibele, e o elevado choupo a Hércules. Minerva, admirando-se, perguntou(-les) porque escolhiam (árvores) estéreis. Júpiter disse como causa: "para que não pareçamos vender a honra pelo fruto." Mas, por Hércules, alguém dirá o que quiser, (disse Minerva), a oliveira é-nos mais agradável por causa do fruto." Então o pai dos deuses e semeador dos homens assim diz: "Ó filha, com razão tu és chamada sábia por todos. Se não é útil aquilo que fazemos, é vã a glória". A fabulazinha aconselha a não fazer nada que não seja útil.

55 — O pavão para Juno àcêrca da voz

Um pavão veio para Juno, suportando indignamente que lhe não tivesse dado os cantos do rouxinol, (dizendo) que aquêle era admirado por tôdas as aves, (e) que êle era escarnecido logo que soltava a voz. Então a deusa, por causa de o consolar, disse: "Mas excede(-lo) na beleza, excede(-lo) na grandeza; o esplendor da esmeralda brilha no teu pescoço, e desdobras uma cauda esmaltada de penas pintadas." Diz (o pavão): "Para que me serve uma beleza muda, se sou vencido na voz?" "Por vontade dos destinos vos foram dados os dotes; a ti a beleza, as fôrças à águia, a melodia ao rouxinol; o agouro ao corvo, à gralha os presságios sinistros; e tôdas estão contentes com os próprios do-

tes. Não queiras ambicionar o que te não foi dado, para que a enganosa esperança não recaia em queixume".

56 — Esopo responde a um palrador

Como Esopo fôsse o único criado para o seu senhor, foi mandado preparar a ceia, mais cedo. Procurando, pois, o fogo, percorreu algumas casas, e encontrou finalmente onde acendesse a luz. Então tornou mais curto o caminho que fôra mais longo para êle à volta (procurando lume); porquanto, começou a voltar (para casa) em linha direita através da praça. Mas um certo palrador da multidão; "Ó Esopo, que (fazes) tu com uma luz, estando o sol em meio (dia)?" Diz (Esopo): "Procuro um homem," e, apressando-se, foi para casa. Se aquêle importuno aplicou isto ao espírito, certamente compreendeu que êle, que intempestivamente tinha escarnecido do ocupado, não pareceu homem ao velho.

57 — O poeta

Restam-me coisas que eu escreva mas, ciente, omito-as. Primeiramente, ó Eutico, para que te não pareça demasiado importuno a ti, a quem a variedade de muitas coisas aperta; depois, se alguém fortuitamente quer tentar as mesmas, para que possa ter alguma coisa de trabalho que reste; ainda que abunde tão grande quantidade de matéria, que falta o artista para o trabalho, (e) não o trabalho para o artista. Peço que dês à nossa brevidade o prémio que prometeste: mostra-te fiel à palavra, porque a vida todos os dias está mais próxima da morte, e tanto menos do teu benefício chegará, quanto a demora consumir mais tempo. Se cumprires a coisa (a promessa) apressadamente, o uso se tornará mais longo; fruïrei por mais tempo, se mais ràpidamente tiver começado, enquanto existem alguns restos de vida cansada, há lugar para o auxílio; um dia a tua bondade esforçar-se-á baldadamente por me ajudar débil (enfraquecido) pela velhice,

quando tiver deixado de ser útil o benefício e a morte, próxima, exigir a dívida. Julgo loucura fazer-te pedidos, quando espontâneamente a misericórdia está inclinada (ao bem). Muitas vezes o réu obteve perdão, tendo confessado: quanto mais justamente deve (o perdão) ser dado a um inocente? É êsse o teu papel; depois, por uma vicissitude semelhante, chegarão as vêzes de outros. Decide o que sofre a consciência, o que permite a fé, e (faz) que eu seja defendido gravemente com o teu juízo. O meu espírito ultrapassou o têrmo, que se propôs; mas dificultosamente se contêm o espírito, o qual, cônscio da sincera integridade, é oprimido pelas insolências dos maus. Perguntarás quem sejam; aparecerão com o tempo. Eu, enquanto o meu juízo se conservar, recordarei perfeitamente a máxima que em rapaz li outrora: "É um crime para o plebeu murmurar públicamente".

FIM DO TERCEIRO LIVRO

LIVRO QUARTO

---

58 — O poeta a Particulão

Como eu tivesse resolvido pôr têrmo à obra com esta (tenção) para que houvesse bastante matéria para os outros, condenei no coração silencioso o meu desígnio. Porquanto, se alguém há (= houver) também desejoso de tal glória, de que modo deixará de apurar o que terei omitido, para que êle deseje entregar isso mesmo à fama quando uma concepção de ideas e um estilo próprio existe para cada qual? Portanto, não o capricho mas uma razão sólida me deu a causa de escrever. Por isso, ó Particulão, visto que te deleitas com as fábulas, (a que chamo Esópias, (e) não de Esopo, porque êle mostrou poucas, e eu trago (escrevo) muitas, servindo-me do género antigo, mas de coisas novas), quando houver vagar, lerás o quarto livrinho. Se a malignidade quiser censurar êste, é lícito que o critique, contanto que não possa imitá(-lo). A glória está adquirida para mim, visto que tu e visto que os semelhantes a ti trasladais as minhas palavras para os vossos escritos, e me julgais digno de longas recordações. Não desejo um aplauso iletrado.

59 — O burro e os Galos (sacerdotes de Cibele)

O que nasceu infeliz, não só passa uma vida triste, mas até depois da morte o persegue a dura misé-

ria do destino. Os Galos (sacerdotes de) Cibele costumavam levar para os peditórios um burro que trazia as cargas. Como êste tivesse sido morto com o trabalho e com as cargas, tirada a pele, fizeram para si tambores. Interrogados depois por um certo (homem) (sôbre) o que tinham feito ao seu *Delício* (nome do jumento), falaram dêste modo: "Julgava que êle depois da morte havia de estar seguro (descansado); (mas) eis que outras pancadas são dadas ao morto".

60 — O poeta

Parece-te brincar(mos) e, na verdade, brincamos com a a pena leve, enquanto não temos nada maior (mais importante); mas observa diligentemente estas ninharias: Quam grande utilidade encontrarás debaixo delas! Não são sempre (as coisas) aquilo que parecem; a primeira aparência engana a muitos; um espírito raro compreende aquilo que o trabalho (do poeta) escondeu num recanto interior. Para que não julgue que eu disse isto sem razão, ajuntarei uma fábulazinha àcêrca da dòninha e dos ratos. Como uma dòninha, enfraquecida pelos anos e pela velhice, não pudesse já alcançar os ratos velozes, envolveu-se em farinha e colocou-se negligentemente num lugar escuro. Um rato, julgando que era comida, saltou e, apanhado, sucumbiu à morte; outro (pereceu) de semelhante modo, depois também um terceiro; seguindo-se outros, veio também um matreiro (pelos anos), o qual tinha evitado muitas vêzes laços e ratoeiras; e, vendo de longe as ciladas do astucioso inimigo, diz: "Assim tenhas saúde, como és farinha, (tu) que jazes aí!"

61 — Àcêrca da raposa e da uva

Uma raposa, obrigada pela fome, apetecia uma uva, saltando com tôdas as fôrças; como não pôde atingir aquela (uva), afastando-se, disse: "Ainda não está madura; não quero

comê-la verde". Os que deprimem com palavras aquelas coisas que não podem fazer, deverão aplicar a si êste exemplo.

62 — O cavalo e o javali

Enquanto um porco montês se revolve, turvou o vau com que (= onde) um cavalo estava acostumado a mitigar a sêde. Daqui nasceu uma contenda. O animal de pés sodantes (= o cavalo), irado contra a fera, pediu o auxílo do homem que, erguendo no dorso, voltou (levou) para o inimigo. Depois que o cavaleiro matou êste (javali) com dardos arremessados, diz-se que falou assim: "Folgo que eu tenha levado auxílio às tuas preces, porque tomei uma presa e aprendi quam útil és." E assim obrigou(-o) a suportar os freios contra a vontade. Então aquêle (cavalo), entristecido, (diz): "Enquanto eu demente procuro a vingança duma pequena coisa, encontrei a escravidão". Esta fábula aconselhará os iracundos a sofrer antes impunemente do que a entregar-se a outrem.

63 — Combate dos ratos e das dóninhas

Como os ratos, cuja história até nas tabernas se pinta, vencidos pelo exército das dòninhas fugissem e corressem precipitadamente em volta dos seus buracos apertados, recolhidos dificultosamente, evitaram, todavia, a morte. Os chefes daquêles que tinham ligado chifres (penachos) às suas cabeças, a-fim-de que tivessem no combate um sinal visível, que os soldados seguissem, ficaram presos nas portas e foram apanhados pelos inimigos; o vencedor enterrou-os no infernal abismo do insaciável ventre, imolados pelos seus dentes ávidos. Qualquer que seja o povo que um acontecimento funesto oprime, a grandeza dos chefes corre perigo; o povo miudo esconde-se em abrigo fácil.

64 — Fedro

Tu, "narinanga" (zombeteiro), que deprimes os meus escritos e te enfastias de ler êste género de graças, suporta o livrinho com um pouco de paciência, enquanto aplaco (desenrugo) a severidade da tua fronte, e Esopo aparece em coturnos (estilos) novos. Oxalá que o pinheiro da Tessália nunca tivesse caído a golpes de machado no cume do bosque de Pelion *, nem Argos, para o audacioso caminho da morte prometida, tivesse construído com o auxílio de Palas uma embarcação que (foi) a primeira que franqueou as enseadas do inhóspito mar, para desgraça dos gregos e dos bárbaros! Porquanto, não só a família do soberbo Eetes chora, como também os reinos de Pélias jazem por terra com o crime de Medea, encobrindo de vários modos o seu carácter cruel, dali efectuou a fuga pelos membros do seu irmão, aqui manchou as mãos das filhas de Pélias com a morte do pai. Que te parece? "dizes que também isto é insulso e dito com falsidade: porque Minos muito mais antigo subjugou com uma armada o mar Egeu e vingou com justo castigo o ímpeto (dos inimigos)". Por isso, o que te posso fazer, leitor Catão, sem nem as fàbulazinhas (os apólogos) nem as fábulas grandes (tragédias) te agradam? Não queiras ser inteiramente importuno às letras (aos letrados), para que te não causem maior enfado. Isto foi dito para aquêles que pela loucura desdenham e criticam o céu, para que se julgue que são sábios.

65 — A víbora a um oficial de ferreiro

O que com dente mordaz ataca um mais mordaz, sinta que (êle) é pintado neste conto. Uma víbora veio para a oficina de um ferreiro. Como esta examinasse se ha-

* Alusão à expedição dos Argonautas.

via alguma coisa de comida, mordeu uma lima. Aquela (lima) contumaz, diz: "Louca, porque (me) tentas ferir com o dente a mim que me acostumei a roer todo o ferro?"

66 — A raposa e o bode

O homem astuto, logo que caiu em perigo, procura encontrar refúgio com o mal de outrem. Como uma raposa inconsciente(mente) tivesse caído num poço e fôsse enclausurada por uma margem bastante alta, um bode sequioso veio para o mesmo lugar. Ao mesmo tempo perguntou se a água era doce e abundante. Aquela, imaginando uma fraude, (diz): "Desce, amigo: é tão grande a bondade da água, que a minha vontade não pode ser saciada". O (bode) barbado atirou-se. Então a raposinha saiu do poço, firmando-se nos elevados chifres e deixou o bode preso no poço fechado.

67 — Acêrca dos vícios dos homens

Júpiter colocou-nos dois alforjes; deu (colocou) atrás das costas um cheio dos vícios próprios, (e) suspendeu adiante do peito (outro) carregado com os alheios. Por esta razão não podemos ver os nossos males (defeitos); logo que os outros cometem uma falta, somos censores.

68 — O ladrão e a lanterna

Um ladrão acendeu uma lanterna no altar de Júpiter e roubou o próprio (Júpiter) com a luz dêle. Como êste se afastasse carregado com o sacrílego roubo, de repente a imagem santa de (Júpiter) soltou esta voz: "Ainda que estas (coisas) tenham sido ofertas de perversos, (tão) odiosas até para mim, que não me ofendo de serem roubadas, todavia, ó celerado, pagarás a culpa com a vida, quando de futuro chegar o dia designado para o castigo. Mas, para que

o nosso fogo, por meio do qual a piedade honra os deuses venerandos, não alumie (a)o crime, proíbo que haja tal troca de luz." Por isso, hoje nem é permitido acender a lanterna na lâmpada dos deuses, nem o fogo sagrado em uma lanterna. Quantas coisas úteis contenha esta narrativa, não outro do que aquêle que a inventou, (as) explicará. Primeiramente significa que muitas vêzes encontrarás como teus principais inimigos (= inimigos principalmente a ti) os que tu próprio tiveres alimentado; em segundo lugar, mostra que os crimes são punidos não com a cólera dos deuses, mas pelo tempo marcado dos destinos; Finalmente proíbe que o bom se associe com o mau no uso (partilhe com o mau o uso) de alguma coisa.

69 — **(Prova-se) que as riquezas são más**

As riquezas com razão são odiadas pelo homem forte, porque uma arca (cofre) rica (cheia) impede a verdadeira glória. Hércules, recebido no céu por causa do seu valor, como tivesse saudado os deuses que o felicitavam, vindo Pluto, que é o filho da Fortuna, desviou (dêle) os olhos. O pai perguntou-lhe a causa. (Hércules) disse: "Odeio-a (a riqueza) porque é amiga dos maus e ao mesmo tempo corrompe tôdas as coisas com o lucro atirado (oferecido)".

70 — **Acêrca das cabras barbadas**

Como as cabrinhas tivessem obtido de Júpiter a barba, os bodes entristecidos começaram a indignar-se porque as fêmeas tivessem igualado a sua dignidade. "Deixai, disse (Júpiter), que elas fruam (de) uma glória vã e usurpem o ornato da vossa função, contanto que não sejam iguais a vós em fôrça (= à vossa fôrça)." Êste conto aconselha-te a que sofras que sejam semelhantes a ti na aparência, os que são desiguais em valor.

71 — Acêrca da sorte dos homens

Como um certo (homem) se queixasse (àcêrca) das suas desgraças, Esopo inventou esta (fábula) com o fim de o consolar: uma nau, batida por cruéis tempestades, entre as lágrimas dos passageiros e o mêdo da morte, logo que o dia de súbito se muda para um aspecto sereno, começou a ser levada segura com os ventos favoráveis e a inspirar demasiada alegria aos navegantes. Então o piloto, tornado sábio (experiente) com os perigos, (diz): "É necessário folgar moderadamente, e queixar-mo-nos sem precipitação, porque a dor e a alegria mistura(m) tôda a vida."

72 — A Serpente. Compaixão perniciosa

O que leva auxílio aos maus, tempo depois arrepende-se. Um certo (homem) levantou uma cobra entorpecida pelo gêlo e êle próprio, compassivo contra si, aqueceu-a no seio: porquanto, logo que se refêz, matou imediatamente o homem. Como outra tivesse perguntado a esta a causa do crime, respondeu: "Para que ninguém aprenda a fazer bem aos maus".

73 — A raposa e o dragão

Uma raposa, cavando o covil, enquanto tira a terra e prolonga muitos buracos bastante interiormente, chegou à gruta interior de um dragão, que guardava os (seus) tesouros escondidos. Logo que viu êste, (disse): "Peço(-te) que concedas primeiramente perdão à minha imprudência; depois, se vês claramente quanto não é conveniente à minha vida o ouro, respondas clementemente: ?Que fruto tiras dêste trabalho, ou que tamanho prémio é que te prives do sono e passes a vida nas trevas?" Aquêle (dragão) diz: "Nenhum, mas isto foi-me atribuído pelo supremo Júpiter". Por isso, (disse a raposa), nem tiras para ti, nem dás a alguém qualquer coisa?" "Assim agrada aos destinos". "Não quero que

te ires, se eu falar livremente: "Quem é semelhante a ti, nasceu, estando os deuses irados (= sob má estrela)". Tu que há-des ir para ali, onde foram os antepassados, porque atormentas o miserável espírito com um entendmento cego? A ti digo, ó avarento, alegria do teu herdeiro, (tu) que privas os deuses do incenso e a ti próprio da comida; que triste ouves o músico som da cítara; a quem aflige a suavidade das tíbias (flautas); a quem os preços das comidas arrancam gemidos; que, enquanto ajuntas ao património quadrantes (pequenas quantias), atormentas o céu com sórdido perjúrio; que cerceias ao funeral tôda a despesa, para que a libitina (morte) não tire algum interêsse do que é teu.

74 — Fedro

Ainda que a inveja dissimule o que depois pense julgar, todavia, compreendo(-o) lindamente. Dirá que é de Esopo tudo aquilo que julgar digno de memória; se alguma coisa lhe sorrir menos, porfiará com qualquer aposta que foi inventada por mim. Quero que êste seja refutado agora já (mesmo) com a minha resposta. Quer esta obra seja inepta, quer digna de ser louvada, êle (a) inventou, a nossa mão (a) aperfeiçoou. Mas continuemos a ordem proposta do nosso intento.

75 — Àcêrca de Simónides

O homem douto tem sempre as riquezas em si. Simónides, que escreveu insigne(s) melodia(s), para que mais fàcilmente aliviasse a pobreza, começou a percorrer as cidades nobres da Ásia, cantando o louvor dos vencedores com uma determinada paga. Depois que se tornou rico com êste género de lucro, quis voltar à pátria por via marítima; Era, porém, nascido, segundo diz(em), na ilha de Cia. Subiu para um navio que uma horrível tempestade e ao mesmo tempo a velhice destruiu (destruíram) no meio do mar. Uns juntam

os cintos, outros as coisas preciosas, como amparo para a vida. Um certo mais curioso: "Ó Simónides, tu nada tomas das tuas riquezas?" Diz (Simónides): "Tenho comigo tôdas as minhas coisas". Então poucos escapam a nado, porque muitos pereceram carregados com o pêso. Sobrevêm os ladrões, roubam o que cada um salvou (do naufrágio), deixam-nos nús. Por acaso esteve perto a antiga cidade de Clazomena, que os náufragos demandaram. Aqui, um certo (homem) dado ao estudo das letras, que tinha lido muitas vêzes os versos de Simónides, e era o maior admirador dêle ausente, recebeu-o junto de si (em sua casa), tendo-o conhecido gostosamente pela própria conversação; proveu o homem de fato, dinheiro e criadagem. Os outros levam o seu painel, pedindo comida. Logo que Simónides viu aquêles, (levados) por acaso ao seu encontro, disse: "Eu tinha dito que tôdas as coisas estavam comigo; o que vós tirastes, desapareceu.

76 — A montanha parturiente

Uma montanha dava à luz soltando graves gemidos. E havia nas terras (nas regões) a maior expectativa. Mas (então) ela deu à luz um rato. Isto foi escrito para ti que, quando prometes grandes coisas (a-pesar-de fazeres grandes promessas) nada realizas.

77 — A formiga e a môsca

Uma formiga e uma môsca contendiam fortemente (sôbre) qual valia mais. A môsca assim começou primeiro: "Porventura podes comparar-te às nossas honras? Habito entre os altares; percorro os templos dos deuses, (e) quando se sacrifica, provo tôdas as entranhas; poiso na cabeça do rei, quando me parece, e toco levemente os castos lábios das matronas. Nada faço e gozo das melhores coisas. Que (coisa semelhante destas te cabe, ó rústica?" "A companhia dos deuses é na verdade gloriosa, mas para aquêle que é

convidado, (e) não para aquêle que é odiado. Frequentas os altares? isto é, és enxotada quando aí vens. Mencionas os reis e os lábios das matronas? Ainda por cima também te gabas daquilo que o pudor deve ocultar. Nada fazes? por isso, quando há necessidade, nada tens. Quando eu cuidadosamente acumulo grão(s) para o inverno, vejo que tu te alimentas de estêrco, em volta do muro; quando os frios te obrigam a morrer, inteiriçada, uma casa abastecida me recebe incólume. Desafias-me no verão, (mas) calas-te, quando há bruma (vem o inverno). Rebati bastante, na verdade, a (tua) soberda." Uma tal fàbulazinha distingue os caracteres daquêles homens que se adornam com falsos elogios e daquêles cujo mérito demonstra uma sólida honra.

78 — O Poeta

Disse eu mais acima, quanto valiam as letras entre os homens; agora entregarei à memória (= contarei) quam grande honra lhes é concedida pelos deuses. Aquêle mesmo Simónides, àcêrca do qual falei, encarregado por um certo preço, a-fim-de que escrevesse o louvor de (a) um certo atleta vencedor, demandou um lugar retirado. Como a exiguidade do assunto reprimisse a inspiração, usou da liberdade poética do costume e entrepôs os astros gémeos, filhos de Leda, referindo o prestígio de semelhante glória. Aprovou a obra; mas aceitou uma terça parte da recompensa; disse o atleta: "Dar-to-ão aquêles dos quais são as duas terças (partes) do louvor. Mas, para que não julgues que tu és despedido com ira, promete-me (que tu vens) para a ceia (comigo): quero convidar hoje os parentes, no número dos quais és para mim". (Simónides) ainda que enganado e magoado da injúria, prometeu, dissimulando custosamente; voltou à hora marcada e pôs-se a mesa. O banquete resplandecia com a hilaridade dos copos, a casa ressoava alegre com o grande aparato, quando, de repente, dois jovens, cobertos de pó, banhados em muito suor, com uma beleza

sôbre-humana no corpo, recomendam a um certo escravozinho que chame Simónides para junto de si (dêles); que era do interêsse dêle; que não faça demora (o servo). O homem, perturbado, chama Simónides. Apenas se afastara um pé do banquete, a ruina da abóbada oprimiu sùbitamente os outros; Nem alguns jovens foram encontrados à porta. Logo que a ordem do facto narrado se divulgou, todos souberam que a presença das divindades (de Castor e Polux) dera ao vate (poeta) a vida em lugar da recompensa.

79 — O poeta a Particulão

Restam ainda muitas coisas que eu possa (poderia) dizer, e abunda a copiosa variedade das coisas; mas as argúcias moderadas são agradáveis, as imoderadas ofendem. Pelo que, ó Particulão, varão integérrimo, nome que há-de viver nos meus escritos, enquanto a estimação permanecer nas letras latinas, se não (aprovas) o (meu) intelecto, aprova pelo menos a brevidade, que tanto mais justamente deve ser recomendada, quanto mais fortemente são enfadonhos os poetas.

FIM DO QUARTO LIVRO

LIVRO QUINTO

80 — O Poeta

Se algumas vêzes inserir o nome de Esopo, ao qual já há muito restituí o que (lhe) devi, sabei que é por causa da autoridade; como no nosso século fazem alguns artistas que encontram um preço maior para as suas obras, se em novo mármore inscreveram o nome de Praxiteles, na prata desgastada um Mirão, na madeira um Zeuxis. Pois a mordaz inveja favorece mais a uma antiguidade fingida, do que aos bons (méritos) presentes. Mas sou levado a uma fábula dum tal exemplo.

81 — O rei Demétrio e Menandro (poeta)

(Como muitas vêzes se engana o juízo dos homens). Demétrio, que foi chamado Falério, ocupou Atenas com poder ilegítimo (usurpado). Como é costume do povo, corre por um lado e pelo outro, e à porfia, gritando: "(Viva) com felicidade!" Os próprios magnates beijam aquela mão pela qual são oprimidos, gemendo tàcitamente a triste alternativa da sorte. Ainda mais, os preguiçosos e os que só procuram o descanso, para que o facto de terem faltado os não prejudique, vêem em último lugar; entre estes, Menandro, notável pelas comédias, as quais Demétrio, desconhecendo o pró-

prio (pessoalmente), tinha lido, e tinha admirado o talento do homem, todo perfumado (= impregnado de perfumes), de vestes roçagantes, vinha com passo delicado e lànguido. Logo que o tirano (o usurpador viu êste no último grupo: "?Quem (é) aquêle efeminado (que) ousa vir para a minha presença?" Os que estão perto responderam: "Êste é o escritor Menandro". Mudado imediatamente, disse: "Não pode existir homem mais formoso".

82 — Os viandantes e o ladrão

Como dois soldados tivessem ido ao encontro de um ladrão, um fugiu, o outro, porém, parou e defendeu-se com a sua forte (mão) direita; depois de derrubado o ladrão, o companheiro tímido acorre e desembaìnha a espada; depois, deitado o capote para as costas, diz: "Deixa-mo cá; vou tratar de fazer-lhe sentir, com que homens se meteu". Então, o que tinha combatido até o fim, (diz): "Eu gostaria que há pouco me tivesses ajudado ao menos com estas palavras, — teria sido mais resoluto, julgando-as verdadeiras; — agora esconde o ferro e a língua igualmente fútil, para que possas enganar outros que te não conheçam. Eu que experimentei com quam grandes fôrças foges, sei quanto se não deve acreditar no teu valor". Esta narrativa deve ser aplicada àquêle que é forte num caso favorável e fugidiço na(s) coisa(s) duvidosa(s).

83 — O calvo e a môsca

Uma môsca mordeu a cabeça descoberta (desnudada) de um calvo; (e) procurando apanhar esta (môsca), deu a (= em) si uma forte lambada (= palmada). Então ela escarnecendo: "Quiseste vingar com a morte a picada dum pequenino insecto; que farás a ti, que juntaste a afronta ao agravo?" Respondeu: "Comigo fàcilmente me reconcilio, porque sei que não foi com a intenção de ofender. Mas de-

sejava, até com maior incómodo, matar-te, malvado animal duma raça desprezível, que te deleitas a sugar o sangue humano." Esta fábula ensina a conceder o perdão àquêle que peca involuntàriamente; pois o que é nocivo, de caso pensado, julgo que êle é digno de qualquer castigo.

84 — O burro e o porquinho

Como um certo (homem)tivesse imolado um varrão ao divino Hércules, ao qual devia uma promessa pela sua saúde, ordenou que as sobras da cevada se deitassem ao burro. Aquêle (burro), rejeitando estas, falou assim: "Com muito gôsto apeteceria aquela comida, se não tivesse sido morto aquêle que se nutriu com ela." Aterrado com a reflexão desta fábula, evitei sempre o lucro perigoroso. Mas dizes (= diz-se): "Os que roubaram riquezas, continuam latentes." Eia, vamos! Enumeremos os que, sendo presos, pereceram: Encontrarás (= encontrar-se-á) maior número de castigados. A temeridade é um bem para poucos, (e) é um mal para muitos.

85 — O chocarreiro e o camponês

Os mortais costumam enganar-se com parcialidade, e, enquanto se mantêm no preconceito do seu êrro, ser (= são) levados para se arrependerem, quando os factos se tornam evidentes. Um certo rico, indo celebrar uns jogos cénicos notáveis, com a promessa de um prémio, convidou a todos, para que cada um mostrasse a novidade que pudesse. Vieram os dançarinos (= histriões) aos desafios da glória; entre estes um chocarreiro, conhecido pela delicada graça, disse que êle tinha para oferecer um género de espectáculo que nunca fôra apresentado no teatro. O boato espalhado alvoroça a cidade. Os lugares, pouco antes vazios, faltam à multidão. Porém, depois que êle parou,

sòzinho na cena, sem aparato, sem ajudantes, a expectação por si só impôs o silêncio. Êle baixou repentinamente a cabeça para a dobra do manto e, com a sua, de tal modo imitou a voz de um porquinho, que afirmavam que um verdadeiro (porco) se ocultava sob o manto; e mandavam que (êste manto) fôsse sacudido. Feito isto, logo que nada foi encontrado, carregam o homem de muitos louvores, e todos o acompanham com o maior aplauso. Um camponês, ao ver que isto era feito, disse: "Não me vencerá, palavra de honra (= por Hércules)", e imediatamente prometeu que êle havia de fazer melhor no dia seguinte. A multidão torna-se maior, já a prevenção preocupa os espíritos, e sentam-se para escarnecer, não para observar. Apareceu um e outro. O chocarreiro é o primeiro a grunhir e move aplausos e levanta gritos. Então o camponês, simulando que êle encobria um porquinho sob os vestuários (o que fazia na verdade, mas escondendo(-o), porque nada tinham encontrado no primeiro), puxou a orelha ao verdadeiro (porco), que tinha ocultado, e com a dor solta a voz da (sua) natureza. O povo aclama que o chocarreiro tinha imitado muito mais semelhantemente, e insiste que o camponês seja posto fora. Mas êle tira do seio o próprio porquinho e, provando o torpe êrro com uma prova manifesta, declara: "Eis aí, que juízes sois!"

86 — Um calvo e um certo (homem) igualmente falto de cabelo

Um calvo encontrou casualmente um pente numa encruzilhada. Aproxima-se outro igualmente falto de cabelos. "Alto, diz, (dividamos) em comum, o que quer que seja de lucro." Aquêle mostra o achado e acrescentou ao mesmo tempo: "A vontade dos deuses favorece; mas, com um destino invejoso, encontrámos um carvão, em vez dum tesoiro, como dizem". A queixa convém àquêle a quem a esperança enganou.

87 — Príncipe, tocador de flauta

Nas ocasiões em que um espírito vão, seduzido por uma aura fugaz se arrogou uma insolente confiança, a louca leviandade fàcilmente vai ter ao ridículo. Príncipe, tocador de flauta, foi um pouco mais conhecido (do que os outros), acostumado a acompanhar (com a flauta) a Batilo, na cena. Êste, por acaso, em uns jogos, (não me recordo bem em quais), enquanto se muda o cenário, desprevenido, deu uma grave queda (= caiu desastradamente), e partiu a tíbia (canela da perna) esquerda, como tivesse preferido perder duas tíbias (flautas) direitas. Levado nos braços e gemendo muito, é conduzido a casa. Passam alguns meses, até que a cura chega à sanidade. Como é costume dos espectadores, essa espécie (de gente) divertida começou a desejar (aquêle), por cujos sons o vigor do dançarino costumava ser excitado. Um certo nobre devia dar uma festa. Como Príncipe começava a andar, induziu-o por dinheiro e por preces, a que sòmente se mostrasse no próprio dia dos jogos. Logo que êste chegou, o boato àcêrca do tocador de flauta espalha-se pelo teatro. Uns afirmam que êle morreu, outros que êle sem demora vai aparecer à vista. Baixado o pano, depois de ribombarem os trovões, os deuses falaram, conforme o costume tradicional. Então o côro entoou um hino desconhecido, (para o flautista) que há pouco tinha aparecido, cujo sentido era êste: "Alegra-te, Roma, que estás salva com o restabelecimento do príncipe (Augusto)!" Todos se levantaram para aplaudir. O tocador de flauta atira beijos, julgando que os admiradores o felicitam. A ordem eqüestre compreende o louco êrro e manda que o hino seja repetido com grande mofa. Êste repete-se. O meu (o nosso) homem curva-se todo no palco. O(s) cavaleiro (s), troçando (dêle), aplaude(m); o povo julga que êste pede uma coroa. Porém, logo que o facto se conheceu em tôdas as bancadas do (teatro). Príncipe, com uma perna ligada por uma facha branca, e com vestes brancas, e com sapatos

também brancos, ensoberbecendo-se com a honra da casa divina (de Augusto), por todos foi posto fora pelas orelhas.

88 — O tempo

Um calvo, com a fronte cabeluda, e a nuca nua, com veloz correira, equilibrando-se sôbre uma navalha(o qual deterás, se o apanhares; uma vez, escapado, nem o próprio Júpiter o pode fazer recuar (= tornar a apanhar), significa a breve ocasião das coisas; os antigos fingiram uma tal imagem do Tempo, para que a negligente demora não impedisse a execução (as execuções do nosso trabalho).

89 — O touro e o novilho

Como um touro, lutando com os chifres numa porta estreita, dificultosamente pudesse entrar para o curral, um novilho ensinava de que modo devia dobrar-se (baixar-se). Disse (o touro): "Cala-te, sei isto antes que tu tivesses nascido". Quem ensina um mais instruído, julgue(saiba) que isto é dito para si.

90 — O cão, o porco e o caçador

Como um cão forte tivesse sempre satisfeito ao seu dono contra tôdas as feras velozes, com o pêso dos anos, começou a perder as fôrças. Um dia, atirado à luta de (= com) um cerdoso javali, agarrou uma orelha, mas, por causa dos dentes cariados, soltou a presa. Então o caçador, descontente, censurava o cão. O velho (cão) da Lacónia em resposta: "Não te faltou a minha coragem, mas as minhas fôrças. Louva o que fomos, se já condenas o que somos". Vês claramente, ó Fileto, por que razão escrevi isto (— a minha sátira já é fraca).

FIM DO QUINTO LIVRO

APÊNDICE

91 — O autor

Não se deve pedir mais do que o justo.

Se a natureza tivesse moldado o género humano, segundo a minha opinião, seria muito mais bem dotado; porquanto, ter-nos-ia concedido tôdas as comodidades que a indulgente Fortuna concedeu a qualquer animal: as fôrças do elefante, e o ímpeto do leão, a duração da gralha, o orgulho do feroz touro, a plácida mansidão do veloz cavalo, e assistiria, todavia, ao homem a acuidade de engenho que lhe é própria. — Júpiter, que com grande sensatez negou aos homens estas coisas, para que a nossa audácia não arrebatasse o govêrno do mundo, ri-se certamente consigo no céu. Portanto, passemos os anos do tempo determinado pelo destino contentes com a dávida do invencível Júpiter, nem tentemos mais do que permite a nossa condição mortal.

92 — Prometeu e Dolo

Àcêrca da verdade e da mentira. Outrora Prometeu, oleiro da nova geração, fizera também a Verdade com subtil cuidado, para que pudesse administrar a justiça entre os homens. Chamado sùbitamente pelo mensageiro do grande Júpiter (= Mercúrio), encomenda a fabricação ao falaz Dolo, que havia pouco recebera para aprendizagem. Êste, cheio de cuidado, enquanto teve tempo, fêz com hábil mão um simulacro com igual semblante, com a mesma estatura (da Verdade) e semelhante em todos os membros. Quando estava quási tôda admiràvelmente erguida, faltou-lhe o barro para fazer os pés. O mestre voltou; Dolo, perturbado com êste mêdo, sentou-se apressadamente no seu lugar. Prometeu, admirando uma tão grande semelhança, quis que se visse a

glória da própria arte. Por isso, lançou igualmente na fornalha as duas estátuas; cosidas as quais e tendo-lhe infundido vida, a sagrada verdade começou a andar com modesto passo, mas a imagem incompleta ficou como que pegada no próprio lugar. Então a falsa imagem e a obra do furtivo trabalho foi (= foram chamada(s) mentira: é fácil o assentimento aos que negam que esta (= mentira) tem pés. Os vícios disfarçados algumas vêzes aproveitam aos homens, mas na ocasião própria aparece, todavia, a verdade.

93 — O macaco e a raposa

Um macaco pedia à raposa uma parte da sua cauda, para que pudesse honestamente tocar as nádegas núas. A maligna (raposa) respondeu assim àquêle: "Ainda que se torne mais comprida, todavia, arrasta-la-ei mais apressada pela lama e pelos espinhos, do que repartirei contigo uma parcela por mais pequena que seja.

94 — O autor

Deve-se dar valor ao sentido e não às palavras. Ixion, o qual se diz que anda preso a uma roda, ensina que a volúvel fortuna se muda. Sisifo, arrastando com grande trabalho por uns altos montes acima, uma pedra, que se precipita do cume, com suor sempre baldado, mostra que as misérias do homem são sem fim. Porque (se) Tentalo tem sêde, estando no meio de um lago, descrevem-se os avarentos, aos quais rodeiam a posse dos bens, mas nada podem tocar. As criminosas (infelizes) Danaides transportam água(s) em bilhas, nem podem encher os tonéis furados. Assim se perderá aquilo que deres à luxúria. Títios está estendido por nove geiras, lembrando-se, para triste tormento do fígado, que lhe renasce (e volta a ser devorado pelo corvo): Quanto maior lugar de terra alguém possui, com êste (argumento) se demonstra que é afectado com mais grave cuidado. A antiguidade disfarçou propositadamente a verdade, para que o sábio compreendesse, (e) o ignorante errasse.

95 — O autor

Ouvi, povos, os conselhos do Deus de Delos. "Dize, ó Apolo, peço-te, o que nos é mais útil, tu que habitas Delfos e o formoso Parnaso". O que é? os cabelos da sagrada sacerdotisa arrepiam-se, o(s) tripé(s) (da Pítia) move(m)-se, a imagem geme no interior do templo, os loureiros tremem e o próprio dia empalidece. Pítia, (= a Pitonisa), tocada pela inspiração divina, solta a voz: "Ouví, ó povos, os conselhos do Deus de Delos: honrai a piedade, cumprí as promessas aos deuses; defendei com as armas a pátria, os pais, os filhos, as castas espôsas; repeli com o ferro o inimigo; socorrei os amigos, perdoai aos infelizes; favorecei os bons, ide ao encontro dos enganadores; vingai os delitos, reprimi os ímpios; temei os maus, não cnfieis demasiadamente em ninguém". Dizendo estas coisas, a virgem delirante, (e) bem desvairada, porque perdeu as coisas que disse, caiu (desfalecida).

96 — Esopo e o escritor

Um certo (homem) recitara a Esopo uns maus escritos, nos quais se gabava muito ineptamente. Por isso, desejando saber o que o velho sentia, (disse): "Porventura pareci-te demasiado orgulhoso, ou temos uma vã confiança no talento?" Aquêle, aborrecido com a péssima obra, diz: "Eu aprovo fortemente porque te louvas. Com efeito, nunca te sucederá isso (seres louvado) por outro".

97 — O pai de família e Esopo

De que modo deve ser domada a mocidade feroz. Um pai de família tinha um filho cruel. Quando êste se tinha afastado da vista do pai, maltratava os servos com muitos açoutes e dava livre curso à impetuosa juventude. Esopo, por isso, conta ao velho isto abreviadamente: Um certo (homem) jungia um boi velho a (com) um novilho. Como êste, afastando o jugo do pescoço desigual, alegasse, para

escusa, as lànguidas fôrças da (sua) idade, aquêle camponês disse: "Não há motivo por que temas, não faço (isso) para que trabalhes, mas para que domes êste que, com o(s) pé(s) e com o(s) chifre(s) torna muitos fracos (inutiliza muitos). A mansidão é um remédio para a crueldade". Também tu, se não retiveres cuidadosamente contigo êsse (filho), e não reprimires com clemência o génio feroz, toma cuidado que não acresça a queixa da família (criadagem).

98 — Esopo e o vencedor gímnico

Como se contém algumas vêzes a vaidade.

Como o sábio frígio (Esopo) tivesse visto casualmente um vencedor do certame gímnico vangloriando-se, perguntou(-lhe), se o adversário dêle tinha mais fôrça. Aquêle (respondeu): "Não digas isso; as minhas fôrças foram muito maiores. Por isso, diz (Esopo), tolamente mereceste esta glória, se, (sendo) mais forte, venceste um menos válido? Serias tolerável, se por acaso dissesses que tu tinhas vencido (com arte e coragem) um que era mais forte".

99 — O burro a uma lira

Um burro viu uma lira jazendo num prado. Aproximou-se e experimentou as cordas com a unha; tocadas, soaram. "Linda coisa, mas, por Hércules, correu mal para mim, disse, porque sou desconhecedor da arte. Se alguém mais hábil a tivesse encontrado, teria deleitado os ouvidos com os cantos divinos". Assim muitas vêzes os talentos se perdem por infelicidade.

100 — Um galo levado em liteira pelos gatos

Que muitas vêzes a excessiva negligência conduz os homens ao perigo.

Um galo tinha gatos portadores de liteira. Logo que uma raposa viu que êste era transportado todo vaidoso, falou assim: "Aviso(-te) de que te acauteles do engano; porquanto, se reflectisses nos semblantes dêles, verificarás (verificarias)

que levavam uma presa e não uma carga". Depois que a sociedade (companhia) dos gatos começou a ter fome, despedaçou o amo e repartiu entre si o cadáver.

101 — O cavalo de quadriga vendido para uma atafona

Aquilo que acontecer deve ser sofrido com igual ânimo.

Um certo (homem) furtou um cavalo de quadriga, afamado por muitas vitórias, e vendeu-o para um moinho. Como tivesse sido conduzido das mós para beber, viu que os seus companheiros iam para o circo, para que executassem as lutas agradáveis nos jogos. Com lágrimas a borbulhar, diz: "Ide, felizes, (e) com a corrida celebrai o dia festivo sem mim; eu, de infeliz sorte, chorarei os meus destinos ali, onde a mão criminosa dum ladrão me levou.

102 — O urso faminto

Que a fome excita o espírito aos animais. Se alguma vez nos bosques faltam alimentos ao urso, corre para um litoral fragoso, e, agarrando-se a um penedo, deixa cair a pouco e pouco as pernas cabeludas na água; logo que os caranguejos se prenderam entre os pêlos destas (pernas), saindo para terra, sacode a presa do mar, e o astucioso goza do manjar colhido por um lado e pelo outro. Por isso, a fome estimula o engenho até aos parvos.

103 — O viandante e o corvo

Um certo (homem), tomando um caminho errado através dos campos, ouviu: "eu te saúdo," e, demorando-se um poucochinho, logo que viu que ninguém estava presente, tomou o passo (seguiu o caminho). O mesmo som (voz) de um lugar oculto (o) saúda pela segunda vez. Animado pela voz acolhedora, parou, a-fim-de que recebesse igual cortesia, quem quer que fôsse. Como êle, olhando em volta, por muito tempo tivesse permanecido no seu êrro, e tivesse perdido o tempo de (percorrer) algumas milhas, um corvo mostrou-se e, voando por cima, repetiu indefinidamente "*Ave* (= eu te

saúdo)!" Então, percebendo que êle tinha sido enganado, diz: "Ora mal hajas por isto, ave péssima, que assim detiveste os pés de quem se apressava".

104 — O pastor e a cabrinha

Um pastor quebrara com o bordão um chifre a uma cabrinha; pôs-se a pedir-lhe que não o descobrisse ao amo (dono). "Embora ferida indignamente, calar-me-ei, todavia; mas a própria acção (o facto de per si) clamará (denunciará) o que tu cometeste."

105 — A serpente e o lagarto

Uma serpente tinha agarrado por acaso um lagarto pela frente; como quisesse devorar êste com a goela aberta, aquêle apanhou um raminho que estava perto e, conservando-o atravessado na bôca muito forte, refreou com uma demora engenhosa a ávida goela. A serpente soltou da bôca a presa inútil.

106 — A gralha e a ovelha

Uma gralha odiosa pousara sôbre uma ovelha; como tivesse trazido esta sôbre o dorso, contra a vontade e por muito tempo, diz: "Se tivesses feito isto a um cão dentudo, terias sido castigada." Aquela péssima em resposta, (diz): "Desprezo os fracos, e eu mesma cedo aos fortes; sei a quem hei-de maltratar, ao qual, dolosa, deva acariciar (enganar); por isso, prolongo até os mil anos a minha velhice."

107 — A lebre e o boeiro

Como uma lebre fugisse com pé ligeiro dum caçador, e, vista por um boieiro, se escondesse num silvado, (disse): Peço-te, ó boieiro, pelos deuses e por tôdas as tuas esperanças, (que) não me descubras; nunca fiz nenhum mal a êste campo." Porém o camponês (diz): "Não tens que temer, esconde-te tranqüila." E logo o caçador, perseguindo-a, (diz): "Ó boieiro, (por favor) pergunto, porventura a lebre veio para aqui?" "Veio, mas foi-se por aqui, para a esquerda"; e com o acêno indica o lado direito. O caçador, (de) apressa-

do, não compreendeu, e afastou-se da vista. Então o boieiro assim (disse à lebre): "Acaso é grato a ti, o facto de te haver eu ocultado?" "Não nego inteiramente que tenho e dou os maiores agradecimentos à tua língua; pelo contrário desejo que sejas privado dos teus pérfidos olhos".

108 — A borboleta e a vespa

Uma borboleta, andando a esvoaçar, vira uma vespa: Ó sorte iníqua!; enquanto viviam os corpos, de cujos restos nós recebemos a vida, eu fui eloqüente na paz, forte nos combates, a primeira em tôda(s) a(s) arte(s) entre as minhas contemporâneas; eis tudo (o que agora sou)! Vôo (feita) leve pó e cinza! Tu, que foste besta de carga, maltratas com o teu ferrão cravado a qualquer que te apetece." Mas a vespa soltou uma voz digna dos seus costumes (picantes): "Vê, não o que tenhamos sido, mas o que somos agora."

109 — A cotovia e a raposa

A ave (a) que os camponeses chamam cotovia, porque efectivamente faz o seu ninho na terra, encontrou-se fortuitamente com a malvada raposinha; e, logo que a viu (vista esta), levantou-se mais alto com as asas. Aquela (raposinha) diz: "Eu te saúdo, peço-te (que me digas) por que motivo fugiste de mim, como se a comida no prato não fôsse em abundância para mim: grilos, escaravelhos, quantidade de gafanhotos? Não há motivo para teres mêdo; eu amo-te muito por causa dos teus pacíficos costumes e vida honesta." (Aquela), pelo contrário, respondeu: "Tu na verdade falas bem, eu não sou igual a ti no campo, mas no ar. Mas anda daí, confio-te a minha vida."

110 — Epílogo

A maldade e a probidade (= os homens maus e os homens bons) louva(m) igualmente o que a minha Musa compõe, qualquer que isto seja, porém esta (probidade louva) com sinceridade; aquela (maldade) irrita-se em silêncio.

FIM DAS FÁBULAS EXPURGADAS

ÍNDICE GERAL

1 Martins Sequeira (Francisco Júlio), 1937. 2 Xavier Rodrigues (F. A., e José de Sousa Carrusca), 1937. 3 José (Pereira) Tavares, 1937. 4 Gonçalves Brandão (Francisco L.), 1937. As iniciais indicam as páginas e os números em que se encontram as fábulas nos diversos autores.

* Encontra-se o mesmo assunto da fábula, mas em prosa.

ADVERTÊNCIA

Embora a presente edição contenha a tradução de tantas fábulas quantas contém a bem elaborada edição do Sr. Prof. Dr. Martins Sequeira, nem sempre seguimos o texto desta edição, porque em muitas fábulas há passagens diferentes das mesmas fábulas das outras edições conhecidas. Estas diferenças alteram muitas vêzes o sentido; na fábula 107, por exemplo, encontra-se lupus, *o lôbo, enquanto nas outras edições se lê* lepus, *a lebre.*

Crêmos que estas diversidades de textos se devem aos copistas medievais e à publicação dos seus manuscritos em nações diferentes.